Revista História da Educação (*Online*)
2026, v. 30, e150390
DOI: https://doi.org/10.1590/2236-3459/150390-pt

REVISTA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO
e-ISSN: 2236-3459
http://seer.ufrgs.br/asphe

Resenha

POR UMA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO COM MULHERES: O CASO ELZA FREIRE

TOWARDS A HISTORY OF EDUCATION WITH WOMEN: THE ELZA FREIRE CASE

POR UNA HISTORIA DE LA EDUCACIÓN CON MUJERES: EL CASO DE ELZA FREIRE

Samantha Lodi-Corrêa

Resenha: SPIGOLON, Nima. **Elza Freire e Paulo Freire**: noites de exílio, dias de utopia. 1ª ed. Uberlândia, MG: Editora Pangeia, 2023. 784 p.

* Universidade Estadual Paulista – UNESP. Presidente Prudente/SP. Brasil.

Este livro não se apresenta como um desconhecido, ao contrário, foi bem falado, avaliado e laureado, pois recebeu em agosto de 2024 o Prêmio Jabuti Acadêmico na área de Educação e Ensino, pela Câmara Brasileira do Livro[1]. A autora é a Dra. Nima Spigolon, professora da Unicamp, escritora, poeta e artevista, que dedicou suas pesquisas acadêmicas à vida de Elza Freire, esposa-companheira de Paulo Freire e partícipe de sua teoria educacional. Nesta investigação, encontra-se um diferencial que consiste em compreender a participação de Elza, e não só dela como de toda a família, no desenvolvimento da proposta educacional freiriana. *Elza Freire e Paulo Freire: noites de exílio, dias de utopia* é o segundo livro da "Tríade Elza Freire" e tem sua origem na tese de doutorado defendida pela autora em 2014, na Faculdade de Educação (FE) da Unicamp. O primeiro livro da tríade é *Elza Freire & Paulo Freire: por uma pedagogia da convivência* (2022) e relaciona-se à dissertação de mestrado defendida em 2009, também na FE-Unicamp. O terceiro, *Elza Freire e Paulo Freire: fotobiografia*, tem previsão de publicação ainda em 2025, é fruto de seu estágio de pós-doutoramento na Universidade Federal de Uberlândia – UFU.

Há um impacto no contato com o livro em si. A obra mantém o projeto gráfico da primeira edição, interligando as publicações sobre Elza Freire, até então, inéditas. Contudo, faz-se mais imponente por suas 784 páginas. Organizado em cinco partes mais as "(in) Conclusões", cada tópico inicia com três páginas pretas grafadas em letras claras o título e um brevíssimo resumo de cada capítulo. Na página seguinte há sempre uma ilustração representativa do contexto que se enceta. Aliás, toda a pesquisa imagética dialoga muito bem com o texto e proporciona momentos de pausas e reflexões no decorrer da leitura, incluindo os mapas que retratam os caminhos da "diáspora freiriana", conceito cunhado pela autora.

Páginas que percorremos de maneira leve e imaginativa, graças a narrativa que ilumina a mulher Elza Freire do ponto de vista educativo e político, que, aliás, são inseparáveis na ótica freiriana. Considero significativo o Prêmio Jabuti Acadêmico de 2024, justamente nos 60 anos do golpe no Brasil, pois a escolha de *Noites de exílio, dias de utopia* é como que um convite para não esquecermos as exiladas e os exilados, mortos/as, perseguidos/as, torturados/as, pessoas incansáveis que lutaram e resistiram ao terrorismo estatal praticado por ditadores, empresários e simpatizantes.

O prefácio, assinado por Maria Lygia Quartim de Moraes, socióloga, feminista e professora do IFCH da Unicamp, evidencia a vasta documentação utilizada por Nima enquanto traz aspectos da sociedade brasileira no pré-golpe, bem como durante os anos de repressão militar.

A redação revela-se de uma 'erudição doce', se assim posso me expressar. Fica evidente a quantidade de fontes referenciadas, arquivos visitados e entrevistas realizadas no Brasil e nos países africanos de Cabo Verde e Guiné-Bissau. Todo esse vasto conhecimento é codificado em uma narrativa envolvente que instiga a saber mais, página após página, nos conectando com Elza, figura central do texto, ao mesmo tempo em que nutre diálogos com Paulo Freire

1 O livro saiu com data de 2023, mas só começou a circular em 2024, justamente no ano em que recebeu a premiação.

e seus filhos, Madalena, Cristina, Fátima, Joaquim e Lutgardes. Essa interlocução também ocorre com relatos e memórias de outros exilados do período.

Na escrita da autora há poesias que criam respiros ao aguçar a rememoração e a esperança de dias melhores. Um entrelaçamento de fontes primárias, fontes secundárias, memórias, fotografias e publicações na imprensa. Uma vasta documentação social, política, econômica e cultural que contextualiza os Freires na diáspora do exílio.

Do ponto de vista metodológico, ela afirma que reuniu material publicado por Paulo Freire, cartas, fotografias do acervo familiar e realizou diversas entrevistas com familiares e amigos de Elza, com o recorte temporal que vai de 1964 até 1979 - embora avance um pouco mais. Além disso, teve acesso aos "escritos íntimos" de Elza, analisados pela primeira vez. Sobre o livro, informa que:

> Sua caracterização dá-se com a descrição, a análise e a interpretação dos percursos de Elza Freire entrelaçados ao de Paulo Freire, seu marido, de forma destacada, e aos de Madalena, Cristina, Fátima, Joaquim e Lutgardes, seus filhos. Ele se faz eivado tanto pelo caráter histórico e memorialístico, ao entremear processos históricos passados, quanto pela utopia que vincula presente/futuro na construção de sociedades mais igualitárias e menos autoritárias (Spigolon, 2023, p.15).

Os referidos "escritos íntimos" de Elza são anotações feitas em cadernos de receita, cadernetas e agendas, que permitem conexões entre o pensamento de Elza e Paulo Freire. A autora buscou uma abordagem dialética entre as fontes utilizadas, priorizando uma análise qualitativa de toda a documentação entrecruzando histórias e memórias.

A "Parte I: cenários de uma época e o espírito de um tempo" traz o contexto do período compreendido entre 1930 e 1964. O encontro entre Elza e Paulo, que se casaram em 1944, bem como a atuação profissional de Elza, que na década de 1950 era diretora de uma escola no subúrbio de Recife, onde inseriu a proposta de Arte-Alfabetização. É ela que leva Paulo, bacharel em direito, para a educação popular. Há ainda menções às suas atividades do início dos anos 1960, quando se integrou às experiências de Angicos e Recife e depois ao Plano Nacional de Alfabetização (PNA) de 1962-64.

> Os cenários são propícios para se refletir sobre a importância do MCP em Pernambuco, da Educação Popular no Brasil e da proposta político-pedagógica de Paulo e Elza Freire, acreditando na necessidade das utopias e nas lições dos movimentos sociais democráticos e emancipatórios para ser possível restaurar a esperança e a luta por uma sociedade mais justa e igualitária, mais solidária e humana. (Spigolon, 2023, p. 132)
>
> O impacto do golpe leva a utopia para o cárcere e faz com que a família seja atingida conjuntamente para que, sob o impacto da violência e do desconhecido, com destaque a prisão, venha o enfrentamento de Elza Freire e os filhos [...] (Spigolon, 2023, p.140).

Com a prisão de Paulo, Elza se movimenta para não se deixar encarcerar. Fazia suas visitas carregando panelas com feijoada, sem perder de foco a necessidade de sair do país, pois a perseguição a Paulo demonstrava-se muito acirrada.

A "Parte II: Percursos do exílio: Américas – A utopia sangra aos golpes das ditaduras" retrata o início do exílio familiar ou "diáspora freiriana". A utopia que sangra faz menção à obra de Eduardo Galeano, interlocutor com quem Nima debate sobre a América Latina, articulando o cenário nacional com o internacional, no contexto da Guerra Fria. Paulo Freire vai para La Paz, ainda em 1964, e alguns dias depois a Bolívia também passa por um golpe. A família se encontra no início de 1965, no Chile. Para Elza, é um momento de ver o outro, de criar laços de solidariedade e de doar-se mais ao mundo. Enquanto buscam se reconstruir, a utopia permanece viva nos trabalhos educacionais.

Em 1968, é publicado o livro "Pedagogia do Oprimido" e Paulo Freire registra que fez isso por provocação de Elza e que durante toda a produção ela foi sua ouvinte mais atenta e crítica, assim como a primeira leitora, igualmente crítica, lendo pela manhã o que ele escreveu na madrugada. "Às vezes não se continha. Me acordava e, com bom humor, me dizia: 'espero que este livro não nos torne mais vulneráveis a novos exílios'." (Freire, Paulo, 1992, p.65 *apud* Spigolon, 2023, p.237).

E assim foi. No início de 1969, Paulo Freire começou a ser denunciado na administração cristã-chilena, o que o levou a aceitar o convite para ministrar aulas em Harvard neste mesmo ano. Diante disso, segue a maior parte da família para Boston, onde viveram por um ano, antes de se mudarem para a Suíça.

Na "Parte III – Realidades do exílio: dos Andes aos Alpes - a travessia do Atlântico" a autora menciona a segunda fase do exílio, agora na Europa, com a mudança para Genebra, na Suíça onde permaneceram até junho de 1980. Há relatos de pessoas que conheceram os Freires no período e que se mesclam com as memórias dos filhos, os escritos de Paulo e os "Escritos íntimos" de Elza.

> Acho que agora no ponto que estou, com a família reduzida, já consigo harmonizar as duas coisas [profissional e doméstico]. Não sei porque, mas uma das coisas que mais me refazem emocionalmente é fazer comida (Freire, Elza, 1980, p.202 in: Spigolon, 2023, p.333).

É pertinente observar que ao prenderem Paulo Freire, uma das atitudes de Elza foi cozinhar e levar comida até a cadeia. Cozinhar é uma forma de se fortalecer emocionalmente para tudo que viria e que ela já vislumbrava.

Ainda durante o período em que estavam na Suíça, iniciou-se, em meados de 1975, um trabalho com países africanos que haviam sido colonizados por Portugal, processo abordado na "Parte IV – Itinerários do exílio: inserções político-pedagógicas em África". Entre 1976-79 mantiveram trabalho político educacional com povos de Guiné-Bissau, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe, Angola e Moçambique, países recém-emancipados que buscavam na educação um processo reconstrutivo. Destaca-se que a autora esteve em Cabo Verde e Guiné-Bissau para pesquisas e entrevistas.

A África foi um retorno "para casa", de acordo com Fátima Freire Dowbor (1980, p.110 *apud* Spigoon, 2023, p.447). Assim como no Brasil que deixaram, havia uma luta pela liberdade, de povos oprimidos pelo colonizador, que entendiam a educação como arma para

emancipação. Lá, Elza se reencontrou como educadora, atuando novamente na Educação e não mais tão restrita às atividades domésticas. Surgem os camaradas Elza Freire e Paulo, empenhados na formação de alfabetizadores.

O casal Freire sempre se pautou pela sensibilidade e pelo respeito à diversidade dos grupos em seus diferentes aspectos. Neste sentido, atentaram para a necessidade de considerar as línguas maternas no processo de alfabetização, pois a língua portuguesa era uma imposição para alguns, e a linguagem é um fator inseparável da conscientização e leitura do mundo.

> Percebe-se que, ao serem lançados no exílio, o casal Freire adentra processos que coadunam Educação e revolução, o ápice dá-se quando se inserem nos primeiros governos dos países recém-independentes em África e vão alinhar suas experiências a esses campos de luta com forte caráter humanista, transformando o que vinham desenvolvendo. Em todas as instâncias de atuação, foi um trabalho de vanguarda realizado conjuntamente por eles (Spigolon, 2023, p. 513).

Nima faz a inter-relação deste cenário, países e povos em processo de libertação, com Elza liberta, atuando novamente na educação. Neste sentido, pode-se dizer que a experiência africana foi significativa na sistematização e metodologia político-pedagógica que colocaram em prática. Em África entraram em contato com o pensamento de esquerda anticolonialista e com a militância revolucionária e libertária, de acordo com Spigolon (2023, p.444).

Na “Parte V – Fases do exílio e faces da ditadura: (A)ventura de ‘re-tornar’ ao Brasil” a autora debate os dilemas de ser exilado, o processo de desenraizamento forçado, da marginalização, o não lugar enfrentado pelos Freires. Há o relato da recusa por parte do governo brasileiro em atualizar os documentos de Elza, uma negação de direitos para dificultar legalmente a vida dos exilados políticos. Com a anistia, e o retorno ao Brasil após 16 anos, era necessário “reaprender o Brasil” enquanto refletiam sobre novos lugares que ocupavam e suas próprias identidades.

> A memória do exílio deve e precisa ser contada. Por quê? Para que o terror não torne a se reproduzir. Para que o lugar das memórias seja ocupado pela História, e esta não acena com a possibilidade de superar, fácil e rapidamente, impasses e conflitos sociais. A expectativa de mudanças sociais profundas é necessária para que os extremos de violência não sejam repetidos (Spigolon, 2023, p.619).

Elza voltou com a experiência de quem trabalhou em processos de conscientização e libertação através do diálogo, da amorosidade - como uma revolucionária, e seu reconhecimento ecoou internacionalmente.

A “Parte final - (in)Conclusões: ditadura, exílio e utopia” sintetiza algumas informações do texto com reflexões sobre toda essa jornada de exílio e muito trabalho. Em uma prosa poética, deixa clara a necessidade de reforçarmos que: ditadura nunca mais!

> O exílio é um terrorismo de estado que coloca as pessoas em situações sem muitas escolhas. As prisões, as perseguições, as violências diversas e as necessidades de saída do seu país e das suas redes relacionais as fazem chegar a um mundo que é o mundo que as acolhe (Spigolon, 2023, p.697).

CC BY

Pode-se dizer que a relação de Elza e Paulo, pautada na afetividade, no respeito e na parceria cotidiana, é a Pedagogia da Convivência refletida na ação educacional, desde pensar as questões teórico-metodológicas até colocá-las em prática. A obra em análise traz uma Elza Freire desvendada por seus "Escritos íntimos", realizados de forma não convencional, que evidenciam a educadora, a esposa e mãe, a exilada, a camarada-militante, a potente mulher que precisa ser conhecida. Salienta-se que a questão de gênero permeia toda a obra.

Há ainda um posfácio assinado por Rita de Cássia Fraga Machado, professora de Filosofia da Educação na Universidade do Estado do Amazonas (UEA), idealizadora e coordenadora do projeto "As Pensadoras".

A convivência de Elza e Paulo em "noites de exílio", do desenraizar-se forçado do Brasil por entre América, Europa e África tornou-se um pertencer ao mundo ao lutar por uma educação emancipatória em seus "dias de utopia". A conscientização popular pela 'arma educacional' fez com que a utopia, mirada no horizonte, mesmo que distante, permitisse o caminhar daqueles que acreditam em transformações.

Por fim, deve-se destacar que a pesquisa de Nima Spigolon preenche um vazio e sem dúvida deve ser lida por educadoras e educadores e por quem se interessa por justiça social. Em 25 de setembro de 2024, houve a promulgação da Lei nº 14.986 que altera a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional e que torna "obrigatória a inclusão de abordagens fundamentadas nas experiências e nas perspectivas femininas nos conteúdos curriculares." O intuito de incluir experiências a partir da perspectiva feminina busca "resgatar as contribuições, as vivências e as conquistas femininas nas áreas científica, social, artística, cultural, econômica e política." (Brasil, 2024). Entendo que a pesquisa contribui e muito para a temática.

Nima Spigolon fez luz sobre Elza Freire, nos inspirou e emocionou com esta leitura. Elza que escolheu não aparecer, recebe com este trabalho, seu justo lugar na história da educação brasileira.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei nº 14.986**, de 25 de setembro de 2024. Altera a Lei nº 9394/1996, LDB, incorporando obrigatoriedade de abordar as contribuições femininas nos conteúdos curriculares do ensino fundamental e médio e instituindo a Semana de Valorização de Mulheres que Fizeram História.

SPIGOLON, Nima. **Elza Freire & Paulo Freire:** por uma pedagogia da convivência 1ª ed. Uberlândia, MG: Editora Pangeia, 2022.

SPIGOLON, Nima. **Elza Freire e Paulo Freire:** noites de exílio, dias de utopia. 1ª ed. Uberlândia, MG: Editora Pangeia, 2023.

Samantha Lodi Corrêa. é Professora assistente doutora na área de História junto ao Departamento de Educação da Universidade Estadual Paulista – UNESP – FCT – Presidente Prudente – SP. Doutora em Educação (2016) na área da História da Educação pela Unicamp com doutorado sanduíche na Université de Rouen – França (2014-2015); mestra em Educação (2009) na área de Filosofia, História e Educação pela Unicamp; Licenciada em História (Unifran – 2012); Bacharel em Comunicação Social (UNESP - 2002).

E-mail: samantha.lodi@unesp.br

Declaração de disponibilidade de dados
Todo o conjunto de dados que dá suporte aos resultados deste estudo foi publicado no próprio artigo.

Recebido em: 24/09/2025
Aprovado em: 09/02/2026

Editor Responsável: Marcos Luiz Hinterholz